

TRADIÇÃO, PERMANÊNCIA E SUBVERSÃO DE CONCEITOS NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

TRADITION, PERMANENCY AND SUBVERSION OF CONCEPTS IN LANGUAGE STUDIES

*Beth Brait**

RESUMO: O objetivo deste artigo é mostrar de que maneira, no século XX, o conceito de diálogo passa a integrar os estudos da linguagem, ganhando consistência e diversidade em diferentes tendências. Em meio à riqueza da contribuição trazida por esse conceito, destacamos aqui os trabalhos de Émile Benveniste, Lev Jakubinskij, Valentin Voloshinov e Mikhail Bakhtin. Além do traçado teórico, um exemplo da capa do livro intitulado *Retrato calado*, de Luiz Roberto Salinas Fortes, mobiliza diálogo, em pleno século XXI, como uma maneira de enfrentar, pela verbo-visualidade, forças ideológicas e estéticas em tensão.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Diálogo. Dialogismo. Verbo-visualidade.

ABSTRACT: This paper's aims at showing how, in the XX century, the concept of dialogue starts to be integrated to language studies, gaining consistency and diversity in different trends. Amid the wealth contribution brought by this concept, we highlight here the works of Emile Benveniste, Lev Jakubinskij, Valentin Voloshinov and Mikhail Bakhtin. Besides the theoretical route, an example of the book cover

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Estado de São Paulo, Brasil. Doutora e Livre-docente em Linguística pela USP e pós-doutora pela EHESS/França, pesquisadora do CNPq. E-mail: bbrait@uol.com.br

titled *Retrato calado (Silent Portrait)*, written by Luiz Roberto Salinas Fortes, impels dialogue, in the XXI century, as a way to address, by its verbal-visibility, aesthetic and ideological forces in tension.

KEYWORDS: Enunciation. Dialogue. Dialogism. Verbal-visibility.

TRADIÇÃO, PERMANÊNCIA E SUBVERSÃO DE CONCEITOS NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

1. ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

E já que não se podia tomar as pessoas pela palavra, o que então fazer com as palavras, retrucara Gregorius. O grego soltara uma gargalhada. “Tomá-las como motivo para você próprio também falar. Para que a conversa sempre continue”.

Pascal Mercier (2011)

Sócrates, em Platão, aparece como essa figura literária do sábio e do mestre, posto à prova pelo diálogo.

Bakhtin (1988b)

A ideia de inovação em Ciências Humanas em geral, e nos estudos da linguagem em particular, é sempre uma questão a ser pensada com bastante cuidado. O fato de o olhar se concentrar no presente não autoriza obliterar o passado, a tradição com a qual necessariamente a contemporaneidade

estabelece um diálogo mais ou menos polêmico, mas extremamente produtivo. Quem poderia tomar, por exemplo, o conceito de *ethos*, que tanto tem auxiliado reflexões em várias disciplinas voltadas para a linguagem, sem recorrer, ou ao menos voltar os olhos e reconhecer sua produtividade nos estudos de Aristóteles, sua permanência latente durante alguns séculos e sua retomada em termos de novas perspectivas para os estudos contemporâneos do discurso?

Se recorremos a uns poucos teóricos dos muitos que trouxeram para o presente a noção de *ethos*, devemos, estrategicamente, destacar a clássica coletânea de Ruth Amossy que, em 1999, sob o título *Images de soi dans le discours: la construction de l'ethos*, contou com a colaboração de vários pensadores que, de acordo com suas especialidades, mobilizaram a concepção de *ethos* a partir de Aristóteles até sua capacidade de auxiliar/adentrar a análise conversacional, diferentes campos da análise do discurso, da semântica pragmática, das modernas teorias da argumentação, dos estudos culturais, dentre outros. No Brasil, essa obra ganhou tradução em 2005 - *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* -, e é largamente citada em artigos científicos de diferentes natureza e alcance.

Poderíamos mencionar outros autores, aí incluídos pesquisadores brasileiros e suas obras, para demonstrar a mobilidade atual desse conceito e a maneira como ele se molda a diferentes disciplinas, fazendo-as convergir ou divergir. Para resumir essa rápida referência, entretanto, já que não será esse o conceito central a ser mobilizado por este artigo, escolhemos dois dicionários, assinalando a maneira como *ethos* aparece em cada um deles, reiterando o que estamos afirmando sobre sua tradição e seus deslocamentos: *Diccionario de retórica y poética* (2003) e *Diccionario de análise do discurso* (2008), respectivamente:

“Ethos” (y “pathos”).

“*Ethos*” es un estado afectivo (estado de ánimo) que se manifiesta como cierto grado de satisfacción *estética**. Es el deleite (“*delectatio*”) que produce la poesía. Es también la emoción que pretende suscitar el orador

en el público, durante el *exordio**, para granjearse su benevolencia y aplauso. Se opone a “*pathos*”.

“*Pathos*” es un estado afectivo más intenso. Es la pasión o fuerza patética que sacude al espectador de la *tragedia**, al lector de la *epopeya**, o al público que escucha la *peroración** del orador; la conmoción que hace llorar u horrorizarse, que obliga al juez a emitir un fallo favorable

(BERISTÁIN, 2003: 201)

ethos – Termo emprestado da retórica* antiga, o **ethos** (em grego ἦθος, personagem) designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário. Essa noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em análise do discurso, em que se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal (CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D., 2008: 220)

O que se observa, de imediato, é que na primeira definição, colhida num dicionário voltado para estudos de poética e retórica, *ethos* ganha dimensão nesses campos específicos do saber, sem qualquer relação com sua expansão contemporânea. Na segunda, entendendo *ethos* conforme a atualização realizada pelas ciências da linguagem, a definição não perde de vista a origem do termo, ou seja, a retórica antiga, mas centra-se nos sentidos assumidos hoje, marcado, inclusive, pelo vocabulário pertencente aos estudos da enunciação e do discurso. Na verdade, esse verbete, forjado num dicionário de análise do discurso, ao contrário do primeiro, expande-se um pouco mais além do trecho citado aqui, focalizando especificidades do conceito de *ethos* na Retórica (p. 220), na Pragmática (p. 220) e na Análise do Discurso (p. 220-221).

Se essa coerência dos dicionários remete à necessidade de situar as origens do termo/conceito e mostrar suas acepções contemporâneas, isso nem sempre vai ocorrer em trabalhos atuais, que mobilizam o conceito de *ethos*

para análise de textos e/ou discursos. Sem citar um trabalho em particular (bastando o leitor fazer uma rápida pesquisa no amplo conjunto de estudos que tomam *ethos* como categoria central ou auxiliar de análise) e excetuando-se os pesquisadores que, como os autores do dicionário, estão interessados em mostrar as concepções contemporâneas do conceito, assim como sua produtividade para a análise da linguagem, Aristóteles muitas vezes é até recortado a partir de leitura dos especialistas, mas em geral relegado exclusivamente às referências bibliográficas (na melhor das hipóteses). Isso significa ao menos duas coisas: Aristóteles, filósofo que cunhou o termo não é mais lido; em função dessa realidade, os sentidos modernos do conceito assumem o primeiro plano, mobilizam-se e, de certa forma, apagam a origem teórica. Em estudos da linguagem essa atitude é mais ou menos normal, na medida em que não se pode, o tempo todo, retrair o percurso histórico de um conceito, de uma categoria, de uma noção. Da perspectiva epistemológica, entretanto, os trabalhos especializados devem sinalizar a historicidade do termo, seus deslocamentos e, justamente por isso, sua produtividade.

2. DO DIÁLOGO AO DIALOGISMO

A “introdução” a respeito de *ethos* teve por objetivo demonstrar que em Ciências Humanas os conceitos circulam, histórica, espacial e epistemologicamente, ganhando dimensão e especificidades que recordam sua origem, mas não se confundem com ela. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é focalizar outro conceito (dentre os muitos existentes nessa mesma situação) que, assim como *ethos*, ganha importância e destaque nos estudos contemporâneos da linguagem: *diálogo*. Inicialmente, para estabelecer um paralelismo com o tratamento dado ao conceito anterior, podemos buscar os verbetes dedicados a *diálogo* nos mesmos dicionários.

No primeiro, o verbete *diálogo* ocupa oito páginas (BERISTÁIN, 2003: 141-149). A autora, logo no início, facilita a vida do leitor apresentando uma espécie de “mapa” dos principais aspectos que destacará para a compreensão do conceito:

DIÁLOGO (o colóquio, estilo directo, discurso representado u objetivado, discurso directo, sermocinación, “sermocinatio”, “percontatio”, “exsuscitatio”, dialogismo, relato polifónico o dialógico, “oratio concisa”, “oratio recta”, soliloquio, microdiálogo*, diálogo pedagógico, semivozes, palavra bivocal).
(BERISTÁIN, 2003: 141)

A partir dessa enumeração, diálogo aparece como estratégia discursiva, enunciado metalinguístico denominado “estilo de representação”, função teatral específica, diferenciado de monólogo, associado a estilo direto e ou discurso direto e, ainda, *dialogismo*, explicitado, inicialmente, como reflexão mental ou solilóquio em caracterizações de personagens; jogo de perguntas e respostas, no qual o orador “finge manter um diálogo com a parte contrária ou com o público; sinônimo de diálogo (em francês), discussão dialogada (em inglês), monólogo que finge ser diálogo (espanhol e italiano). Para concluir esse percurso a respeito de *dialogismo*, invoca Bakhtin, para quem, segundo ela, *dialogismo* foi entendido como *relato polifônico ou dialógico*, associado à coexistência de várias vozes, *perspectivas* ou *ponto de vista*. E o restante do verbete (mais de 6 páginas) está dedicado a exemplos, discussão de relatos dialógicos e à importância do conceito de *dialogismo* no pensamento bakhtiniano.

Curiosamente, o mesmo dicionário que não mencionou a compreensão de *ethos* a partir de uma perspectiva discursiva contemporânea, faz a importante passagem entre o diálogo e dialogismo, de maneira bastante refinada.

O segundo dicionário também dedica várias páginas ao conceito (pouco mais de 5), indicando as seguintes entradas: dialogal/dialogismo – ver diálogo; dialógico/monológico – ver dialogismo. Iniciando com a definição de dialogismo – “relações que todo enunciado mantém com enunciados produzidos anteriormente, bem como com os enunciados futuros que poderão os destinatários produzirem” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008: 160), informa que a AD francesa empresta o termo do Círculo e, na sequência, retoma definições de diálogo em Bakhtin e Voloshinov, destacando a orientação dialógica como fenômeno característico de todo discurso, des-

tacando as relações Dialogismo vs Monologismo; Dialogismo Interlocutivo, Dialogismo Interdiscursivo; Dialogismo Mostrado, Dialogismo Constitutivo; Dialogismo Interacional, Dialogismo Intertextual. Para dar conta dessas diferentes acepções, além do pensamento bakhtiniano são invocados pesquisadores que se apoiaram no Círculo, caso de Authier-Revuz, Sophie Moirand, Edi Roulet, dentre outros. Ao final, estão indicados os verbetes complementares: diálogo, discurso citado, interdiscurso, intertextualidade, memória discursiva, polifonia e pré-construído.

Para diálogo, verbete que se segue a dialogismo, a definição é dada a partir de um dicionário clássico (Le Robert) e suas diversas acepções e deslizamentos de sentido em diferentes vertentes dos estudos da linguagem.

Se os dicionários, de acordo com sua função primeira, esclarecem os consulentes sobre acepções assumidas por *diálogo* e *dialogismo*, neste artigo, *diálogo* será recuperado a partir de seu papel numa mudança histórica fundamental para os estudos da linguagem: forma de ultrapassar a língua como objeto e, sem descartá-la, chegar a discurso, objeto que exige novas formas de abordagem. E, numa das formas, *dialogismo* aparece como constitutivo da linguagem, diferenciado de diálogo.

Nesse sentido, é possível fazer um recorte teórico e localizar alguns dos marcos epistemológicos que nortearam e norteiam estudos sobre enunciação, texto e discurso, ancorados, de alguma maneira, na ideia de diálogo e de sua transição para *dialogismo*. Encontrar a valorização de diálogo dentro dos estudos da linguagem, assim como sua metamorfose em *dialogismo*, significa, portanto, discutir a passagem de uma linguística da língua para uma linguística do discurso, momento em que esses dois conceitos desempenham papel decisivo. Considerando que o conceito de *diálogo* e a necessidade de teorizar sobre ele é uma das marcas da linguística do século XX, presente em várias tendências teóricas, o recorte aqui estabelecido busca apoio em alguns *fundadores* dessa concepção: Émile Benveniste (1906-1976), Lev Jakubinskij (1892-1945), Valentin Voloshinov (1895-1936) e Mikhail Bakhtin (1895-1975). O contato com alguns dos trabalhos desses autores oferece elementos para observar como a concepção de *diálogo* produz uma nova visão de língua, de linguagem, explicitando-se, num certo momento, como *dialogismo*.

2.1 Émile Benveniste: o diálogo como elemento fundante da passagem da linguística da língua para uma linguística da enunciação

Para iniciar essa reflexão, antes mesmo de focalizar Emile Benveniste e o papel do diálogo em sua teoria, recorro a um texto intitulado “O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930”, de autoria da linguista Irina Ivanova, que foi traduzido no Brasil (CUNHA; COSTA e SILVA, 2011), o qual vai funcionar como uma das fontes para discutir a abordagem inaugural do *diálogo* realizada por outro importante estudioso da linguagem: Lev Jakubinskij. Ivanova afirma:

A elaboração da teoria do diálogo é uma característica da linguística do século 20. Na Europa ocidental, podem-se mencionar abordagens as mais variadas, que vão desde a Escola de Palo Alto, passando pela etnometodologia de H. Sacks e E. Schegloff e a sociolinguística de J. Gumperz e W. Labov, até a análise conversacional de A. Sinclair e R. M. Coulthard, na Inglaterra, a pragmática linguística desenvolvida no laboratório de C. Kerbrat-Orecchioni e no grupo de pesquisas de R. Vion, na França, e a teoria da modalização do diálogo de J. Moeschler e E. Roulet, na Suíça. Na Rússia, os estudos sobre o diálogo se desenvolvem em vários centros de pesquisa, como Moscou, Saratov, Tver', Ekaterinburg. Atualmente, o diálogo atrai a atenção não apenas de linguistas, mas também de sociólogos e psicólogos.
(IVANOVA, 2011: 240)

Nessa enumeração feita por Ivanova não aparece o nome de Benveniste, certamente por ela selecionar tendências e autores voltados mais explicitamente para uma *teoria do diálogo*. Reconhecendo a importância de todos esses autores, assim como o avanço e o alcance das teorias que valorizaram e

valorizam o conceito contemporâneo e diversificado de *diálogo*, vou incluir Émile Benveniste (1988), velho conhecido dos estudiosos da linguagem, que colocou o *diálogo* no centro de sua teoria da enunciação. Como sabemos, Benveniste abre uma brecha na linguística estrutural para fazer, de forma minuciosa e rigorosa, a passagem dos estudos da língua para os estudos do discurso. No trabalho intitulado “Os níveis da análise linguística”, texto que apareceu pela primeira vez nos *Proceedings of 9th International Congress of Linguistic*, de 1962, Benveniste faz uma afirmação que, literalmente, ajuda a compreender a mudança do objeto dos estudos da linguagem e a necessidade de novos métodos para concebê-lo. Ele diz:

A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluímos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo [...] É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem. Poder-se-ia dizer decalcando uma fórmula clássica: *nihil est in língua quod non prius fuerit in oratione/Nada existe na língua que antes não tenha passado pelo discurso* (BENVENISTE, 1988a: 139-140)

Com essa paráfrase de “*nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu/Nada existe no intelecto que antes não tenha passado pelos sentidos*”, Benveniste sintetiza uma série de estudos feitos por ele no sentido de apresentar uma teoria da enunciação, dimensão da linguagem que explica a passagem da língua para o discurso, do sistema abstrato para a comunicação, ou seja, que chega ao discurso como um objeto diferenciado, não recoberto pela linguística do sistema, tal qual definida por Ferdinand de Saussure.

Para chegar a essa afirmação, dez anos antes, o *diálogo* já havia sido definido por ele como *realidade humana*, associado à intersubjetividade. No artigo “Comunicação animal e comunicação humana”, texto de 1952 (revista *Diogéne*, I), no qual Benveniste insiste no diferencial da linguagem humana em relação à comunicação animal, ele afirma:

Uma diferença capital aparece também na situação em que se dá a comunicação. A mensagem das abelhas não provoca nenhuma resposta do ambiente mas apenas uma certa conduta, que não é uma resposta. Isso significa que as abelhas não conhecem o diálogo, que é a condição da linguagem humana [...] no diálogo, a referência à experiência objetiva e a reação à manifestação linguística se misturam livremente, no infinito (1988b: 65).

Portanto, na teoria da enunciação de Benveniste, o diálogo não é tomado como estrutura característica da oralidade, simplesmente como estrutura da interlocução entre falantes em presença, mas como condição da linguagem humana, como condição do discurso, da enunciação, que permite aos sujeitos enunciarem-se enquanto tal, participarem do processo que, necessariamente, envolve resposta e não somente reação. Ele demonstra, ao comparar a sofisticada linguagem das abelhas com a linguagem humana que, embora capaz de produzir mensagens que podem ser compreendidas e comunicadas, a linguagem das abelhas não implica o diálogo, não implica enunciação, não implica *sujeitos*.

2.2 Lev Jakubinskij, teoria do diálogo e mudança do objeto da linguística

Se a teoria da enunciação de Benveniste foi desenvolvida na França a partir dos anos 1940 e tem até hoje grande influência sobre os estudos da linguagem, aí incluídos os realizados no Brasil, os trabalhos da pesquisadora Irina Ivanova trazem informações precisas de um momento anterior a esse, em outro lugar do mundo, em que o conceito de *diálogo* passa a constituir elemento fundamental para novas perspectivas sobre a compreensão e os estudos da linguagem. Portanto, do ponto de vista teórico e metodológico, *diálogo*, além de ser valorizado como objeto de estudos sobre a linguagem ordinária, cotidiana, é aqui também pensado para além da estrutura da fala em presença. É visto, epistemologicamente, como condição de linguagem.

Ela refere-se aos anos 1920 na Rússia, mais especificamente a Lev Jakubinskij, conhecido pelos estudiosos da teoria literária como um dos formalistas russos, mas trazido, de maneira inovadora por Ivanova, como um grande linguista, antecipador dos estudos sobre a passagem *diálogo/dialogismo*. Reconhecido por seus trabalhos sobre a dimensão sonora da linguagem poética, realizados por volta dos anos 1910, Jakubinskij contribuiu para o nascimento do formalismo russo, foi um dos fundadores da Opozycja – Sociedade de Estudo da Linguagem Poética –, sendo lembrado ainda por seus artigos sobre fonética publicados em antologias de teoria da linguagem poética. Ao longo de sua vida, além do interesse pelos estudos fonéticos, dedicou-se à sociolinguística, à linguística histórica, e, ao que nos interessa neste momento, ao *diálogo* como objeto de uma nova linguística.

Em 1923, Jakubinskij escreve o artigo intitulado *Sobre a fala dialogal*, *Sobre a palavra dialogal* ou *Sobre el discurso dialógico*, dependendo da tradução, o qual tem a linguagem cotidiana, e não a literária, como ponto de referência. Esse trabalho, em 1986, foi publicado em russo, juntamente com outros trabalhos de Jakubinskij, por iniciativa de Aleksej Leontiev (1936-2004), um de seus biógrafos. A versão integral, bilíngue – russo/francês –, só aconteceu em 2012, com edição e apresentação de Irina Ivanova e tradução dela e de Patrick Sériot. Sob o título *Lev Jakubinskij, une linguistique de la parole (URSS, années 1920-1930)*¹, a obra reúne três textos do autor – “Sur la parole dialogale” (1923); “F. Saussure sur l’impossibilité d’une politique linguistique” (1931) e, ainda, uma discussão sobre a linguística marxista intitulada “Contre le ‘danilovisme’” (1932). O conjunto demonstra a importância de Lev Jakubinskij para a história das ideias linguísticas e para, o que nos interessa aqui, a introdução, na Rússia, do conceito de *diálogo* como elemento transformador do objeto da linguística, mola propulsora dos estudos do discurso.

Pelos esclarecedores artigos de Irina Ivanova e pela edição francesa, podemos entender em que consiste a teoria do *diálogo* esboçada por Jakubinskij. Trata-se de uma teoria interdisciplinar, situada na confluência entre linguística, psicologia e sociologia. Como se pode constatar no texto-fonte,

1 Jakubinskij, 2012.

e no excelente e esclarecedor prefácio² de Irina Ivanova para a obra, esse é um trabalho em que o autor se opõe aos estudos linguísticos desenvolvidos na União Soviética, naquele momento, marcados pela perspectiva histórica da comparação entre línguas, propondo um novo objeto de estudo, ou seja, a linguagem em ação:

[...] artigo no qual ele discute uma série de questões referentes às perspectivas de desenvolvimento da linguística e, mais precisamente, de uma linguística que deveria se desligar da história comparada das línguas para se ocupar da análise da palavra viva, ou seja, da *linguagem em ação*. [...] Jakubinskij traça os contornos de novos domínios da linguística: a linguística funcional e a linguística da palavra.
(IVANOVA, 2012: 16-17, trad. minha)

Apoiado numa concepção de língua como atividade, Jakubinskij observa seu funcionamento, fazendo da enunciação o elemento central, tentando descrever os “fatores que determinam sua produção e sua percepção-recepção, assim como aqueles que têm influência sobre a forma e sobre o processo enunciativo, destacando a função do locutor e a influência do ouvinte sobre o enunciado”, sublinhando, portanto, o papel ativo do interlocutor na produção do enunciado (IVANOVA, 2012:16-17), discutindo a distinção entre *linguagem poética e linguagem cotidiana*, as *relações entre forma, conteúdo e material*, o problema da língua/fala e a criação de uma nova linguística ligada à abordagem funcional. Os fundamentos teóricos desse artigo, e das reflexões de Jakubinskij de forma geral, vêm especialmente da psicologia da percepção e da noção de estereótipo de comportamento, o que o leva, por exemplo, a criar uma noção que dará muitos frutos nos estudos da linguagem, que é a de “estereótipos verbais”, sem dúvida um antepassado dos “gêneros do discurso”. Jakubinskij, ao abordar o mecanismo das trocas na língua, pretende “provar que é no *diálogo* que se forjam novas formas e no-

² Jakubinskij, 2012: 13-37.

vas palavras” (IVANOVA, 2012: 17). Se atualmente reconhecemos que essa questão está muito bem desenvolvida nas diferentes fases e tendências da Análise da Conversação e de várias Pragmáticas, devemos observar que as reflexões de Jakubinskij se dão nos anos 1920, portanto bem antes do surgimento dessas teorias.

Ele insiste na mudança da linguística, de seu objeto, de seus métodos. A primeira parte da obra traduzida por Ivanova e Sériot, intitulada “A procura de um novo objeto da linguística” e seguida de “Sobre a palavra dialogal” (IVANOVA, 2012), reitera a seguinte afirmação da tradutora e apresentadora, em seu prefácio:

[...] seu artigo [‘O dialogičeskoj reči’ Sobre a palavra dialogal], publicado na revista Russkaja reč] surpreende pelo caráter inesperado de sua problemática. Ele propõe a criação de uma nova linguística e considera suas possibilidades de desenvolvimento, apoiando-se sobre o diálogo como objeto de estudo.

(IVANOVA, 2012: 32, trad. minha)

O conceito de *diálogo* de Jakubinskij está associado à interação verbal e a elementos extraverbais, caso da percepção visual e auditiva, do interlocutor, implicando, para a compreensão mútua, o enunciado verbal e também a mímica, os gestos, os movimentos do corpo. Além disso, sempre de acordo com o que se pode ler na tradução francesa e no artigo “O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930”, de Irina Ivanova, ao se interessar pela natureza oral do diálogo, Jakubinskij destaca o papel central de outro elemento fundamental para a produção de diferentes nuances de sentido: a entonação. Ele explica detalhadamente que as entonações têm significação comunicativa, determinando a compreensão da fala e do estado de espírito de um interlocutor, de maneira mais decisiva que as palavras em seu sentido corrente. Para exemplificar o que afirma a respeito da entonação, Jakubinskij utiliza um fragmento do *Diário* de Dostoievski, justamente o que se refere à conversa entre bêbados, conhecido trecho em que uma palavra grosseira, pronunciada com entonações diferentes, ganha sentidos totalmente diver-

sos. Acrescenta, ainda, para caracterizar o *diálogo*, a importância do tom, do timbre e das mímicas para que o ouvinte tome posição em relação ao locutor e a seu enunciado. Portanto, inventaria elementos por meio dos quais o ouvinte orienta seu ponto de vista e sua percepção da conversação, o que é um grande avanço para compreensão dos elementos comunicativos e significativos que participam do diálogo.

Um aspecto que deve ser salientado no que diz respeito à teoria de Jakubinskij é o fato de ele adotar uma posição behaviorista, considerando o diálogo como fenômeno de natureza psicológica, como uma interação de estímulos e de respostas, o que lhe permite estabelecer, por meio das noções de *natural* e *artificial*, a oposição entre o diálogo, que seria natural, e o monólogo, artificial, e ainda sublinhar a reação verbal como reflexo. (JAKUBINSKI, 2012:134). Extremamente rigoroso, analisa vários exemplos para indicar alguns princípios que fundamentam sua teoria, caso das réplicas, das respostas, da resposta no discurso interior (leitura de um livro, palestra), da alternância das réplicas, da interrupção, do inacabamento, do fato de cada réplica ser determinada por uma precedente, da simultaneidade da recepção da palavra de outrem (do locutor), da preparação de um contraenunciado, da *apercepção*, fenômeno complexo, relacionado à percepção e à compreensão, considerado por ele princípio fundamental da organização do diálogo que, somente muito mais tarde, nos anos 1960, seria definido por H. Sacks, que leva ao que hoje conhecemos como conhecimentos partilhados. Utilizando exemplos da literatura (Tolstoi) e da vida cotidiana, o fenômeno da *apercepção* explica, para ele, tanto a organização geral do diálogo quanto a estrutura sintática dos enunciados e a escolha das palavras. Além disso, trabalhou o fenômeno da estereotipia, dos clichês. Em relação a essa teoria do diálogo, Irina Ivanova conclui:

[...] pela primeira vez na linguística russa e mundial, encontra-se a formulação dos princípios da teoria do diálogo como fenômeno complexo e heterogêneo, no qual se cruzam componentes linguageiros e extralinguísticos. Dentre os princípios estabelecidos por Jakubinskij que permanecem atuais, podem-se mencionar

os seguintes: (1) o diálogo como atividade mútua, interação; (2) o fenômeno da resposta de cada enunciado, que tem como consequência a produção de réplicas no discurso interior; (3) o caráter não-acabado, não-terminado de cada enunciado; (4) a espontaneidade dos processos de percepção e preparação de um novo enunciado; (5) a interação em um dado diálogo entre a experiência precedente e a réplica de um interlocutor (IVANOVA, 2011: 247)

Como se observa por esse resumo radical, que tem como um dos objetivos despertar no leitor o interesse pelo texto de Jakubinskij e pelas excelentes e informativas análises de Irina Ivanova, o conceito de *diálogo* puxa os estudos da linguagem, já nos anos 1920, para a observação e descrição da língua em ação, em uso. Além dos estudos de Irina Ivanova, um dos raros momentos em que podemos nos defrontar com o texto de Lev Iakubinskij acontece na coletânea *Antología del formalismo ruso y el grupo de Bajtin: Semiótica del discurso y posformalismo bajtiniano*³, organizada por Emil Volek. Nessa obra, apresentada em dois volumes, o artigo de Jakubinskij está publicado de forma abreviada, de acordo com nota do tradutor que explica “omitimos em especial las digressiones y los ejemplos repetitivos o sacados de la literatura” (VOLEK, 1995: 188). Onze outros estudiosos da linguagem, dentre eles Osip Brik, Boris Eichenbaum e Roman Jakobson, compartilham a parte IV (que é primeira do volume II), intitulada “Semiótica del discurso”. Na introdução a essa parte, Volek afirma:

El extenso trabajo “Sobre el discurso dialógico” (1923), de Lev Iakubinski, es no sólo una autocrítica al Formalismo temprano, sino también un importante puente hacia el dialogismo bajtiniano, hacia la lingüística y la poética funcionales de la Escuela de Praga y hacia la reciente “nueva comunicación” y análisis conversacional (VOLEK, 1995: 18)

³ Volek, 1995.

Coerentemente com essa sua posição, a parte V, intitulada “Posformalismo bajtiniano”, traz textos de Voloshinov, Medviédev e Bakhtin.

2.3 Do diálogo de Jakubinskij ao dialogismo de Voloshinov

A maneira inaugural como Jakubinskij tratou do diálogo faz lembrar, em larga medida, o conhecido Valentin N. Voloshinov, que em várias traduções divide a assinatura com Bakhtin. Em *A palavra na vida e a palavra na poesia* de 1926, nos livros *O freudismo e Marxismo e filosofia da linguagem de 1927 e 1929*, respectivamente e em seus três últimos artigos, de 1929, ainda sem tradução em português: “O que é linguagem?”, “A construção do enunciado” e “A palavra e sua função social”, Voloshinov toma como objeto a comunicação verbal (aí incluída a comunicação literária) e a natureza do enunciado, sob uma perspectiva sociológica. Nesses trabalhos, observa-se que o diálogo participa da comunicação verbal como componente essencial e indispensável. Se Leontiev, no prefácio que fez à edição russa, sugeriu que algumas das ideias de Jakubinskij aparecem na teoria bakhtiniana, Ivanova (2011: 239-267), ao mesmo tempo em que chama a atenção para a importância de Jakubinskij no que se refere a uma teoria do diálogo em linguística, estuda sua influência sobre Voloshinov e assinala as diferenças existentes entre eles.

De fato, há semelhanças e diferenças entre esses dois grandes linguistas. No que diz respeito às semelhanças, Ivanova vai buscar fundamentos na biografia de Voloshinov e na proximidade das atividades científicas e profissionais de ambos, assim como na descrição minuciosa de sua obra. Do ponto de vista biográfico, Ivanova afirma que, graças a descobertas nos anos 1990 de arquivos da Academia de Ciências, pode-se constatar que, entre os anos 1922 e 1924, quando Voloshinov estudou na Universidade Petrogrado, obtendo sua sólida formação em Ciências Humanas, incluindo Psicologia e Linguística, ele, necessariamente, entrou em contato com a concepção de *diálogo* de Jakubinskij. Em 1926, quando dá continuidade à sua formação no Instituto de Estudos Comparativos de Literaturas e Línguas Ocidentais e Orientais (ILJAZV), iniciando seu doutorado, trabalhou com Jakubinskij e, em 1930, foi convidado, juntamente com esse linguista, para atuar na re-

vista de M. Gorki *Literaturnaja učeba*, tendo publicado grande parte de seus artigos nos mesmos números em que Jakubinskij publicou.

A partir daí, Ivanova pinça, nos textos Voloshinov, o conceito de *diálogo*, mostrando as diferenças em relação a Jakubinskij. Mostra que em *A palavra na vida e a palavra na poesia* (1926) e em *O freudismo*, Voloshinov assume a abordagem sociológica da língua, destacando o papel determinante do fator social para a comunicação verbal, analisando o enunciado e discutindo pontos a partir dos quais vai desenvolver sua teoria da interação verbal. Nesse sentido, diferencia-se de Jakubinskij, na medida em que trata da situação extralinguística, da noção de contexto, da natureza social da entonação e sua influência sobre a imagem do outro e analisa o papel do gesto na interação verbal. Mas é em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929) que ele consagra um capítulo à interação verbal (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997:110-136), propondo a distinção fundamental entre *diálogo* em sentido estrito, como forma de interação verbal, e *diálogo* em sentido amplo, como comunicação verbal de qualquer tipo, integrando o processo geral da interação e passando a ser compreendido como unidade real da língua/fala, da linguagem, ou seja, ganhando o *status* de *dialogismo*.

Aqui, é necessário observar, levando em conta as pesquisas atuais, que essa distinção fundamental - *diálogo/dialogismo* -, feita nos anos 1920, é difícil de ser entendida até hoje. O *dialogismo* é, segundo o que se pode depreender dos trabalhos de Voloshinov, o *diálogo* em sentido amplo, abrangendo todas as formas de comunicação verbal e não apenas a linguagem estruturada como diálogo. É importante reiterar que em todos os trabalhos de Voloshinov (assinados ou não, dependendo da tradução, com Bakhtin) há essa quase que uma obsessão pelo papel do *diálogo* na linguagem, entendido em sua relação com interação, de onde derivam os argumentos para chegada ao *dialogismo*. Nos últimos artigos escritos por ele - “A construção do enunciado”, “O que é linguagem” e a “A palavra e sua função social”, essa obsessão reaparece como se ele quisesse, em suas últimas reflexões (ao menos do que se conhece até hoje), reiterar um dos aspectos mais importantes de sua contribuição para os estudos da linguagem: o *diálogo* e, conseqüentemente o *dialogismo*, como argumento para a necessidade e a possibilidade dos estudos da linguagem de uma perspectiva sócio-discursiva.

Sua teoria diferencia-se, portanto, da de Jakubinskij, na medida em que ele vai além, por assim dizer, chegando ao *dialogismo* como princípio fundamental do enunciado. Diferentemente de Jakubinskij que, em suas reflexões, parte da forma do enunciado e se apoia sobre a natureza psicológica do *diálogo*, Voloshinov baseia suas reflexões teóricas na dimensão social, chegando à ideia dos gêneros verbais, que ele denomina gêneros da vida cotidiana, gêneros verbais da vida. Seria possível afirmar, com ele, que o *diálogo* é a forma principal de comunicação verbal e o *dialogismo* é a característica fundamental de todos os enunciados. Em sua concepção, todos os enunciados verbais, da palavra ao romance, são marcados pelo *dialogismo*. A análise desse princípio permite a Voloshinov destacar características como a propriedade da antecipação da resposta, o inacabamento, a orientação para o interlocutor, de modo a estabelecer uma base para a teoria do enunciado relacionando-a com a concepção do *diálogo* e declarando o *dialogismo* como princípio fundamental para a organização da interação verbal.

Podemos dizer, concordando com Ivanova e acrescentando o que já sabemos sobre *dialogismo*, que tanto Jakubinskij como Voloshinov analisam o *diálogo* como resultado da atividade comum do locutor e do interlocutor. Voloshinov, ao desenvolver várias ideias sugeridas por Jakubinskij, não apenas ampliou a noção de *diálogo*, mas a estendeu a *dialogismo*, trazendo contribuições que vão desde uma nova estilística até a proposição dos estudos do discurso, esse objeto que instaura uma nova era na história das ideias linguísticas e dos estudos da linguagem.

É apenas no fim do século 20 que a linguística russa e mundial se voltou para a linguística da comunicação. Graças a isso, uma parte dos princípios formulados por Jakubinskij e Voloshinov foi redescoberta pela etnometodologia de Sacks e Schegloff, pela sociolinguística de Goffman e Gumperz e pela etnografia da comunicação de Hymes. Isso estimulou a releitura dos trabalhos de Jakubinskij e Voloshinov para encontrar o lugar deles na história das ideias linguísticas.
(IVANOVA, 2011: 264)

2.4 Dialogismo a partir dos anos 1920, 1930: dinamizando a noção de diálogo

Poderíamos perguntar, para concluir, como Bakhtin entra nessa história que envolve *diálogo* e *dialogismo*, que começou com Jakubinski, passou por Voloshinov e, para nós, antes mesmo desses dois, chegou via Benveniste. E ainda: como os conceitos de *diálogo* e *dialogismo* frutificam nos estudos do discurso hoje?

Se pensarmos em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2008), cuja primeira edição é de 1929 e a segunda modificada é de 1963, vamos ver que Bakhtin também estava no centro da discussão sobre a importância do *diálogo* para a concepção de linguagem e, por isso, trabalhou sobre a questão das vozes, pensou o gênero romance polifônico, a polifonia. Hoje, portanto, entendemos a diferença entre *diálogo* como estrutura de linguagem e *dialogismo* como condição de linguagem, não apenas via Jakubinskiy e Voloshinov, mas também via vários textos de Bakhtin. Prova disso pode ser o texto de 1934-1935, intitulado “O discurso no romance”. Dentre muitas outras referências em que a crítica a uma linguística da língua aparece tendo diálogo/dialogismo elemento motivador, é possível destacar:

[...] Por outro lado, até mesmo o diálogo intralinguístico (dramático, retórico, científico e cotidiano) da linguística e da estilística, até agora não foi estudado na sua quase totalidade. Pode-se mesmo dizer que o *aspecto dialógico do discurso* e todos os fenômenos a ele ligados permaneceram até a época recente fora do âmbito da linguística
(BAKHTIN, 1988b: 85, grifo nosso)

[...] O *diálogo* era estudado apenas como forma composicional da construção do discurso, mas a dialogicidade interna do discurso (tanto na réplica, como na enunciação monológica) que penetra em toda sua estrutura, todos os seus estratos semânticos e expressi-

vos, foram quase que absolutamente ignorados. [...] Encontra ela [a *dialogicidade*] sua expressão na série de particularidades da semântica, da sintaxe e da composição, que não foram ainda estudadas pela linguística e pela estilística (assim como não foram estudadas nem mesmo as particularidades da semântica no diálogo habitual). *O discurso nasce no diálogo* como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógica (BAKHTIN, 1988: 88, grifos nossos).

Outro aspecto que chama atenção nesse trabalho é que, para estudar o romance e suas particularidades, o autor apresenta importantes aspectos ligados à linguagem cotidiana, a imagem da língua na ficção, discutindo conceitos essenciais ao estudo do discurso, caso de *plurilinguismo*, *forças centrípetas e forças centrífugas*, dentre outros, sempre tendo o *diálogo*, em sentido amplo, como ponto de ancoragem. É assim que ele vai falar, por exemplo, *diálogo entre línguas e diálogo entre linguagens*:

[...] o diálogo no romance é um diálogo de uma espécie particular. Antes de tudo, como já dissemos, ele não pode se esgotar nos diálogos pragmáticos e temáticos dos personagens. Ele carrega em si a multiformidade infinita das *resistências dialógicas e pragmáticas* do tema, que não o resolvem e nem o podem resolver, as quais apenas ilustram (como uma das numerosas possibilidades) este diálogo profundo e desesperado das linguagens, determinado pela própria *transformação sócio-ideológica das linguagens e da sociedade*. O diálogo das linguagens não é somente o diálogo das forças sociais na estática de suas coexistências, mas é também o diálogo dos tempos, das épocas, dos dias, daquilo que morre, vive, nasce; aqui a coexistência e a

evolução se fundem conjuntamente na unidade concreta e indissolúvel de uma diversidade contraditória e de linguagens diversas.

(BAKHTIN, 1988:161, grifos nossos)

Talvez por essa razão Tatiana Bubnova (2006), retomando e interpretando Bakhtin afirme:

“[...] o mais importante é que as palavras podem existir unicamente em forma de diálogo, da mesma forma que o sujeito, o eu, só existe em uma interação com o outro”. [...] Este é o domínio do sentido dialógico. Assim sendo, “a polifonia em sua relação com o diálogo se refere à *orquestração* das vozes em diálogo aberto.” (2006: 105-107).

3. TENTATIVA DE AMARRAR PONTAS

É, portanto, o trabalho com o *diálogo* levado à condição de *dialogismo*, um dos polos nevrálgicos que separa, ao longo das abordagens da linguagem no século XX, o estudo da língua dos estudos do discurso e do texto. Isso significa que o pensamento bakhtiniano, por meio de diferentes obras, assinadas unicamente Bakhtin e/ou Voloshinov, acrescenta à ideia de *diálogo* o que sugere o ensaio de Jakubinskiy: *dialógico*. Esse aspecto, essa dimensão constitutiva da linguagem, muitas vezes escapa por entre os dedos e se reduz ao diálogo em presença, ao diálogo como estrutura da oralidade. A perspectiva *semiótico-filosófica-ideológica-dialógica*, arquitetada e disseminada pela obra do Círculo, serve de fundamento inovador para os estudos da linguagem enquanto discurso, quer ela se expresse unicamente pelo verbal, pelo visual ou se organize verbo-visualmente. E, seja qual for a dimensão em que o discurso se expresse, a ideia de *diálogo entre linguagens* está posta e assumida, como fica claro em “O discurso no romance” e nos demais trabalhos aqui destacados.

Nesse sentido, ainda que Voloshinov aparentemente não tenha se referido à dimensão visual, quando ele discute a relação entre signo e consciência, há um momento em que ele se refere à materialidade do signo em geral e não somente do signo verbal, comprovando que a *perspectiva dialógica* refere-se à linguagem de forma geral e não somente aos enunciados verbais:

Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. *A imagem, a palavra, o gesto significante*, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997 [1929]: 35-36, grifo nosso).

Na verdade, também no capítulo sobre “A Interação verbal”, que está na segunda parte de *MFL*, Voloshinov volta a falar da relação entre atividade mental, enunciação, e inclui o visual:

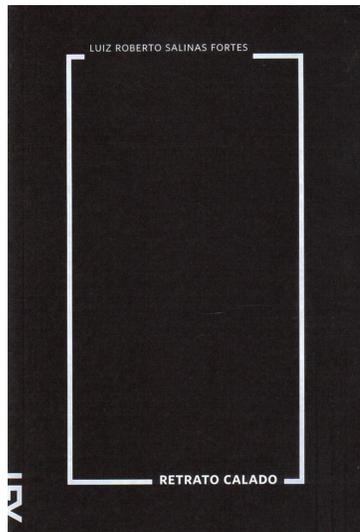
Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social à qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala, e, acima de tudo, aos interlocutores concretos. Tudo isso lança uma nova luz sobre o problema da consciência e da ideologia. *Fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado* (o gesto, a palavra, o grito), a *consciência é uma ficção*. [...] enquanto expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som mu-

sical, etc.), a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa

(BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997: 117-118).

Como pensar concretamente essa perspectiva do pensamento bakhtiniano, a qual possibilita a ideia de *diálogo* como *dialogismo*, como relação até mesmo entre verbal e visual para a produção de sentidos? O que isso significa, de fato, para a leitura de um enunciado verbo-visual, por exemplo, enfrentar suas formas de produzir sentido? Em que medida e com que critérios é possível fazer dialogar as diferentes especificidades das dimensões envolvidas?

Se as respostas a essas perguntas significam que a ideia de *diálogo* e *dialogismo* envolve, hoje, a necessidade de trabalho com a articulação entre diferentes dimensões de um enunciado, de um texto (verbal e visual, por exemplo) e que isso é diferente de trabalhar de forma excludente verbal e visual, vamos finalizar nossa reflexão, procedendo a uma das leituras possíveis de um enunciado verbo-visual, ou seja, a capa de um livro (FORTES, 2012) considerando a perspectiva de *diálogo entre linguagens* como forma de produzir sentidos.



No caso da capa escolhida, temos sobre um fundo marrom escuro, quase negro, uma linha branca, de traçado forte que, acompanhando internamente o retângulo formado pela capa, e funcionando quase como margem, interrompe-se em dois lugares para abrigar o verbal, incorporando-o. No alto, o segmento linear abriga, um pouco acima do traçado, o nome LUIZ ROBERTO SALINAS FORTES, grafado na cor branca, em maiúsculas. Na parte inferior, a interrupção se dá de forma que a expressão RETRATO CALADO, em maiúsculas e negrito, se incorpore, preenchendo o vazio da linha interrompida.

O conjunto verbo-visual forma um retângulo, uma espécie de moldura em branco e preto ou quase, uma vez que o tom não é exatamente negro, mas marrom escuro, tom que confunde a visão e faz duvidar entre o negro e o forte marrom. Nessa capa, o nome que compõe a moldura é o do autor – Luiz Roberto Salinas Fortes –, e a expressão, que também compõe a moldura, é o título da obra: *Retrato calado*. O diálogo que se estabelece, de imediato, entre o título *Retrato calado* e a expressão *retrato falado* são evidentes, apoiando-se no conjunto visual e, também, no traço linguístico que separa *calado* de *falado*: /k/ e /f/. Uma análise fonológica⁴ possibilita a observação da dimensão verbal no que se refere à materialidade grafo/sonora, sinalizando a diferença entre a presença da palavra *calado*, evocando *falado*, pautada nos traços distintivos existentes entre o /k/ e o /f/:

/f/ é + anterior e /k/ + posterior

/f/ é - alto e /k/ + alto

/f/ é + contínuo e /k/ - contínuo

/f/ é + estridente e /k/ - estridente

Os demais traços são compartilhados.

Além disso, prosseguindo com uma análise da materialidade grafo/sonora, em termos fonéticos acústicos, o /k/ é realizado com as seguintes características: silêncio, ruído transiente (plosão), enquanto o /f/ é realizado

⁴ A análise fonológica contou com a especialista Prof^a. Dr^a. Sandra Madureira (LAEL/PUC-SP), que detalhou as especificidades de /k/ e /f/ e, também, a participação deles, na linha de uma semiótica vocal, na veiculação dos discursos do silêncio e de sua quebra.

por ruído contínuo em frequências altas. A obstrução total à corrente de ar, no caso da realização do /k/, só é desfeita quando a pressão da corrente de ar torna-se forte o suficiente para vencer o obstáculo total formado pelos articuladores.

Articulatoriamente, o /k/ é produzido com uma obstrução total no palato mole (véu palatino) na parte posterior da cavidade oral, enquanto o /f/ apresenta uma obstrução parcial que deixa a corrente de ar passar continuamente entre articuladores muito aproximados, formando uma passagem estreitada para a corrente de ar, o que gera turbulência.

Sem essa descrição especializada, que evidencia o papel do uso da língua e seus efeitos de sentido num dado discurso, poderíamos até intuir que a substituição de “Retrato falado” por “Retrato calado”, considerando que a “simples” troca do /f/ pelo /k/, produz sentidos que serão confirmados pela leitura da obra, mas que já estão indiciados nessa capa.

Entretanto, o conhecimento de que a troca do /f/ pelo /k/ impõe um obstáculo à *fluência*, ao fluir sonoro, que resulta em silêncio, implica o não perdurar, ou seja, a interrupção da possibilidade de tempo futuro. Mas é essa dualidade, calado/falado, pela força da reação (existência da obra), que fatalmente retoma o falar calado em determinado momento. O /f/, seria possível dizer, sugere o som de um sopro, o vento. O /k/, por sua vez, sugere o som de um impacto. Na medida em que juntamos essa materialidade fonética e sua possibilidade de simbolização (trata-se de uma forte e poderosa metáfora?) com os traços visuais, configura-se o semiótico-ideológico, ou seja, visual e verbal entram em *diálogo* e trazem, pelas relações dialógicas estabelecidas nessa capa, os diálogos interrompidos e os retratos calados.

De um ponto de vista que poderia ser denominado semântico, *retrato falado*, em dicionários da língua portuguesa, define-se como *representação de uma pessoa por meio de uma imagem, segundo a descrição de seus aspectos físicos gerais e específicos, tendo por objetivo auxiliar uma investigação policial*⁵. De imediato, a troca de *falado* por *calado*, reiterado pela ausência de imagem, e também pela referência velada ao discurso policial, sinaliza para o leitor um momento específico da política brasileira. O

⁵ Definição geral, escrita e compilada por mim, com base em diversos dicionários.

jogo de relações entre presença/ausência, constituído pelo verbal e pelo visual, aparece em vários níveis, caracterizado por relações de oposição e ao mesmo tempo complementaridade. No título, o verbal indica o visual (retrato: uma pintura, fotografia, enfim, a representação de uma pessoa) e marca essa ausência pelo verbal, por meio do participio passado de calar (que não fala mais) e do jogo fonético aí estabelecido. Em ambos se dá a ausência do sujeito: no falado, alguém fala por ele; no calado, foi submetido ao silêncio.

Só lendo o livro para saber quem foi o intelectual e professor da USP Luiz Roberto Salinas Fortes (1937-1987), calado num dado momento e presente por meio de seus escritos publicados e apresentados pela filósofa Marilena Chauí, com posfácio do crítico Antonio Candido. Portanto, os enunciados são construídos a partir de determinados discursos, nesse caso históricos e estéticos, concretizados no plano de expressão que sinaliza e/ou desencadeia novas formas de ver. Para finalizar a reflexão sobre *diálogo/dialogismo*, flagrada entre o verbal e o visual, entre a materialidade fonética e seu interlocutor visual, e tomada como mote para a discussão a respeito de tradição, permanência e subversão de conceitos nos estudos da linguagem, retomo uma afirmação de Pavel Medviédev, um dos pensadores do Círculo:

Na verdade, a visão e a representação geralmente fundem-se. Novos meios de representação forçam-nos a ver novos aspectos da realidade, assim como esses não podem ser compreendidos e introduzidos, de modo essencial, no nosso horizonte sem os novos recursos de sua fixação.

(MEDVIÉDEV, 2012: 199)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, R. *Images de soi dans le discours: la construction de l'ethos*. Lausanne (Fr): Delachaux et Niestlé, 1999.

_____. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson F. da Cruz, Fabiana Komesu, Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

BAKHTIN. (VOLOCHINOV) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

_____. O discurso no romance. In: *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC, 1988a, p. 71-210.

_____. A pessoa que fala no romance. In: *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC, 1988b, p. 134-163.

BENVENISTE, É. Os níveis da análise linguística. In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1988a, p. 127-140.

_____. Comunicação humana e comunicação animal. In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1988b, p.60-67.

BERISTÁIN, H. *Diccionario de retórica y poética*. 8. ed. México, DF: Editorial Porrúa, 2003.

BUBNOVA, T. Voz, sentido y diálogo en Bajtín. In: *Acta poética*, n. 27, 2006, p.97- 114. Disponível em < <http://132.248.101.214/html-docs/acta-poetica/27-1/97-114.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Trad. coordenada por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

CUNHA, D. A.; COSTA E SILVA, H. de O (Trad). O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930. *Bakhtiniana- Revista de Estudos do Discurso*. São Paulo, 6 (1), 239-267, Ago./Dez. 2011.

CUNHA, Doris A. Dialogismo em Bakhtin e Iakubinskii. In: *Investigaciones*. Recife, v.18, n. 2, 2005, p. 103-114.

_____. Dialogismo em Bakhtin e Iakubinskii. *Investigações: Linguística e Teoria Literária*, 18(2), 2005. Disponível em <http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.18.N.2_2005_ARTIGOSWEB/DorisArrudaCunha_DIALOGISMO-EM-BAKHTIN-E-IAKUBINSKII_Vol18-N2_Art05.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2009.

FORTES, Roberto Salinas. *Retrato calado*. São Paulo: Cosacnaif, 2012.

IAKUBINSKI, Lev. Sobre el discurso dialógico. In: VOLEK, Emil. *Antología del formalismo ruso y el grupo de Bajtín: Semiótica del discurso y posformalismo bajtiniano*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1995, p. 171-188. Introducción, notas y bibliografía Emil Volek.

IVANOVA, Irina. Préface. In: JAKUBINSKI, LEV. *Lev Jakubinskij, une linguistique de la parole (URSS, années 1920-1930)*. Ed. et Prés. Irina Ivanova. Trad. Irina Ivanova et Patrick Sériot. Lausanne: Lambert-Lucas, 2012, p. 13-37.

IVANOVA, Irina. O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930. Trad. Doris Arruda C. Cunha e Heber de O. Costa e Silva. *Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, 6 (1) p. 239-267, Ago./Dez. 2011.

_____. Le dialogue dans la linguistique soviétique des années 1920-1930. In: P. Sériot (Ed.). *Le discours sur la langue en URSS à l'époque stalinienne (épistémologie, philosophie, idéologie)*, Cahiers de l'ILSLS, n. 14, 2003, p. 157-182.

_____. O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930. Trad. CUNHA, D. A.; COSTA e SILVA, H. O. *Bakhtiniana- Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, n.6, p. 239-267, 2011.

JAKUBINSKIJ, LEV. *Lev Jakubinskij, une linguistique de la parole (URSS, années 1920-1930)*. Ed. Et Prés. Irina Ivanova. Trad. Irina Ivanova et Patrick Sériot [1. ed. 1923]. Lausanne: Lambert-Lucas, 2012.

MERCIER, Pascal. *Trem noturno para Lisboa*. Trad. Kristina Michahelles. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Sheila Camargo Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

VOLEK, Emil. *Antologia del formalismo ruso y el grupo de Bajtin: Semiótica del discurso y posformalismo bajtiniano*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1995. Introducción, notas y bibliografía Emil Volek

VOLOSHINOV, V. N. The construction of the Utterance. In: SHUKMAN, Ann (Ed.). *BakhtinSchool papers. Russian Poetics Translation*, Vol. 10. Trad. Noel Owen. Somerton: Old School House, 1983. p.114-138.

_____. The word and its social function. In: SHUKMAN, Ann (Ed.). *BakhtinSchool papers. Russian Poetics Translation*, vol. 10. Trad. Joe Andrew. Somerton: Old School House, 1983. p. 139-152.

VOLOSHINOV, V. N. /BAJTÍN, M. La construcción de la enunciación. In: SILVESTRI, Adriana y BLANCK, Guillermo. *Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993. p. 245-276.

VOLOSHINOV, V. N. /BAKHTINE, M. La structure de l'énoncé. In: TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine le principe dialogique, suivi de Écrits du Cercle de Bakhtin*. Paris: Du Seuil, 1981. p. 287-315.

YAKUBINSKY, L. S.; ESKIN, M. (1997). On dialogic speech. *PMLA*, 112 (2), 243-256. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/pdfplus/463093.pdf?acceptTC=true>>. Acesso em 13 de novembro de 2009.

Recebido em: 22 de março de 2013
Aceito em: 10 de junho de 2013

